

MODA E LITERATURA NA CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROTAGONISTA DE O CORONEL CHABERT DE HONORÉ DE BALZAC

DOS SANTOS, RAFAEL FELIPE¹; MACHADO, MARISTELA G.S.
ORIENTADOR²

¹ Universidade Federal de Pelotas – rafaelhett@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – maristelagsm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Círculo de Bakhtin muito discutiu acerca das criações estéticas, definindo-as como um complexo processo de posicionamentos axiológicos em diferentes planos (BAKHTIN, 1924 *apud* FARACO, 2009, p. 24). Segundo Voloshinov, a arte é essencialmente sociológica, o que significa dizer que ela é cunhada no contexto cultural e, portanto, saturada de significados e valores.

Impossibilitadas por sua própria natureza de serem neutras, as criações estéticas provêm da consciência individual, definida por Bakhtin como “uma realidade semiótica construída dialogicamente (porque o signo é, antes de tudo, social), e se manifestando semioticamente, i.e., **produzindo texto** e o fazendo no contexto da dinâmica histórica da comunicação [...]” (BAKHTIN, 1961, 1974 *apud* FARACO, 2009, p. 42, grifo do autor). Contudo, o autor ainda menciona a primazia do universo da cultura sobre as consciências individuais, criando um *sistema dialógico* de réplicas ativas, respostas a enunciados prévios e que gerarão outros enunciados (BAKHTIN *apud* FARACO, loc. cit.).

São tais considerações sobre signos construídos no interior das relações sociais, fruto de seres socialmente organizados e historicamente localizados, que tornam possível uma intersecção com as formulações de Lipovetsky sobre moda. Segundo o autor, a moda, surgida na Idade Média tardia, define-se como “os valores e as significações culturais modernas, dignificando em particular o Novo e a expressão da individualidade humana” (LIPOVETSKY, 2014 [1987], p. 11). Enquanto valores e significações culturais, a moda está permeada pelas axiologias descritas nos trabalhos do Círculo, integra os sistemas ideológicos constituídos e pode facilmente entrar no horizonte social de um grupo para se tornar objeto de seu dizer.

Veem-se de imediato as enormes semelhanças com a literatura, nítido exemplo de um conjunto de signos que tentam construir uma realidade sempre oblíqua e axiologicamente refratada, isto é, sem jamais se aproximar do sentido real do objeto referido. Bakhtin chegou a dizer, em seu livro *O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal* (1924), que um domínio cultural está sempre inserido na intersecção de múltiplas fronteiras disciplinares e é isso que permite o surgimento de diferentes pontos de vista, coexistentes na enunciação concreta (BAKHTIN, 1924, p. 274 *apud* FARACO, 2009, p. 52).

Dessa forma, este trabalho pretende propor através de uma lógica cruzada entre moda e literatura uma nova possibilidade de análise do romance *O Coronel Chabert*, publicado em 1844 pelo escritor francês Honoré de Balzac. Integrante da *Comédie Humaine*, obra monumental sobre a sociedade francesa do período da Restauração, o título relata a história de um antigo herói dos tempos napoleônicos, dado como morto na Batalha de Eylau em 1808. Passados 15 anos do episódio, o protagonista retorna à França, mas se depara com uma nova ordem social: Napoleão caíra, seus bens já não lhe pertencem e sua identidade está comprometida por interesses de classe.

2. METODOLOGIA

Para embasar a nossa reflexão, foram tomadas as formulações de três referenciais teóricos: o primeiro, constituído pelo Círculo de Bakhtin (no qual inserem-se os escritos de Pavel Medvedev, Valentin Voloshinov e Mikhail Bakhtin, propriamente) e que contribui com os conceitos de *heteroglossia dialogizada*, *auditório social*, *forças centrípetas*, *forças centrífugas*, *sujeito dialógico*, além, evidentemente, da concepção de linguagem e de ideologia, já mencionadas na introdução. O segundo refere-se à noção de sistema de moda, descrita por Gilles Lipovetsky em *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*, bem como a suas importantes contribuições no que se refere à construção dos seres e da sociedade por meio da adoração do Novo e do individual. Por fim, recorreu-se às reflexões de Pierre Bourdieu a respeito dos diferentes tipos de capital, estes que conferem poder aos círculos de consagração, em especial o *capital simbólico*, *cultural* e *de autoridade*.

Analizamos excertos selecionados de *O Coronel Chabert* à luz desse arcabouço teórico, demonstrando a sua contribuição no sentido de criar significados para a narrativa literária, de compreender o seu contexto textual e extratextual, bem como de analisar o seu personagem principal

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro foco da pesquisa deteve-se no *incipit* do romance “— Olhem! Outra vez o nosso velho capote!” (BALZAC, p. 14), dito por um jovem funcionário do escritório de advocacia de Derville aos demais colegas. Dois termos chamam a atenção nessa fala: a) o emprego do adjetivo *velho* e b) a referência ao *capote*.

Uma leitura pouco atenta não se deteria no fato de que esse *incipit*, além de apresentar o personagem que dá nome, logo de início, no limiar da ficção, já revela o deslocamento temporal de Chabert dentro daquele contexto social. Em 1808, auge das guerras napoleônicas e do próprio Primeiro Império, era muito comum a utilização de um casaco muito longo e completamente abotoado na frente, chamado de *redingote* ou, quando em função de sobretudo, *surtout*. Por influência inglesa, o *redingote* alongado sofreu modificações de comprimento e usabilidade: tornou-se mais acinturado e quase nunca ser abotoado. Para marcar a diferenciação, a nova versão foi renomeada *la capote* (KÖHLER, 2009, p. 473).

O *carrick* virá pouco tempo depois e se tornará um forte concorrente do capote, principalmente com o proliferar das guerras. Mais prático e adaptável, as tiras internas do *carrick* lhe permitiam ser ajustado livremente ao corpo e suas múltiplas camadas de tecido nos ombros forneciam muito mais resguardo contra adversidades temporais.

Interessante observar, por conseguinte, que quando ocorre a queda de Napoleão todos os itens remetentes ao seu império, agora motivo da vergonha e desconcerto entre os países europeus, são desqualificados e considerados obsoletos. O *carrick* passa a ser visto, inconscientemente ou não, como algo ultrapassado e o *redingote* de corte inglês justo e curto vira febre entre os franceses da alta esfera. Usar um *carrick* em 1822, época em que Luís XVIII já era governante definitivo, claramente não era motivo de estima e o adjetivo *velho*,

contido na fala de Simmonin, só reforça esse desprezo internalizado por uma sociedade toda reformulada pelo Novo. No que o Círculo de Bakhtin chamaria de forças centrípetas, que tentam monologizar o discurso em favor de uma única voz social (VOLOSHINOV, 1929, p. 23 *apud* FARACO, 2009, p. 71), e no que Bourdieu chamaria de capital de autoridade, aquele que autoriza alguém a agir de determinada forma ou de ditar determinada regra (segundo BOURDIEU, 2015 [1975], p. 124), encontramos a chave para esclarecer essa reformulação.

Antes, é preciso dizer que o indivíduo da Restauração viveu num paradoxo ideológico. Ao mesmo tempo em que vira as classes sociais se aproximarem devido às políticas de Napoleão, viu um reforço das mesmas estruturas no retorno da monarquia como regime governamental. Da mesma forma, assim como assistira a um incentivo da expressão individual e racional com o Iluminismo, assistiu a volta do *conspicuous consumption*, isto é, do dispêndio ostensivo de bens materiais como forma de afirmação social e de membro de uma coletividade privilegiada. Evidentemente, os dois processos não podem ser dissociados: se certos signos perdem poder de distinção, como perderam para que as classes pudessem se aproximar, faz-se necessário mais do que nunca utilizar os que ainda conservaram a função distintiva ou ressignificar outros para relembrar as hierarquias existentes. Descrito por Lipovetsky como o **momento aristocrático da moda**, através dele é presumível o porquê de Simmonin usar a vestimenta de Chabert como metonímia, como descrição do todo. Na Restauração francesa vive-se o momento em que as *forças centrípetas* (ou *capital de autoridade*) de um grupo que (re)toma o poder e a forma de dizer o mundo. Com isso, impõem que o *parecer* é tudo, põem o *ser* em segundo plano e forçam o enquadramento dos indivíduos pelo que eles têm, ou melhor, pelo que *aparentam* ter.

Por fim, ressalta-se que o termo *capote*, utilizado na tradução para o português de que se vale para esse trabalho, entra em conflito com o termo utilizado no original francês « —Allons ! encore notre vieux carrick ! ». Como se exemplificou acima, *carrick* e *capote* **não** são equivalentes; não descrevem uma mesma vestimenta. É compreensível que a tradução tenha disposto de *capote* para evitar um anglicismo, entretanto, perde-se a possibilidade de situar Chabert mais precisamente na linha temporal da narrativa e revelar sua condição de verdadeiro fantasma vindo outro tempo.

4. CONCLUSÕES

Mesmo que a pesquisa se encontre em seu estágio inicial e ainda existam vários fragmentos textuais que remetem ao universo da moda e serão objetivo de nossa análise, concluímos que, por serem oriundas de um mesmo contexto cultural, histórico e axiológico, esses dois domínios – moda e literatura – entrelaçam-se através de referências sutis, mas valiosíssimas quando se há a pretensão de ampliar olhares dirigidos a manifestações estéticas, acontecimentos históricos, relações sociais e sociedades.

Chabert, inteligentemente construído através de metáforas, analogias e valores estipulados por um ser também construído por valores e significações, revela possibilidades de compreender o que a arte tem de mais inestimável: ser indicativa de mudanças sociais.

Num leque infinito de opções, a análise de outros personagens também poderá contribuir com perspectivas inéditas, mostrando que mesmo que cada

área tenha seu escopo e formas próprias para expressar suas marcas ideológicas, moda e literatura são aliadas no entendimento da realidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALZAC, Honoré de. **O coronel Chabert**, seguido de, **A mulher abandonada**. Tradução de Paulo Neves e Rubem Mauro Machado. Porto Alegre: LPM, 2008.
_____. **Le Colonel Chabert**. Préface et commentaires de Jeannine Guichardet. Paris: Pocket, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A Produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. 3ª edição, 3ª reimpressão. Porto Alegre: Editora Zouk, 2015.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KÖHLER, Carl. **História do vestuário**. Editado e atualizado por Emma Von Sichart; tradução de Jefferson Luiz Camargo. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.